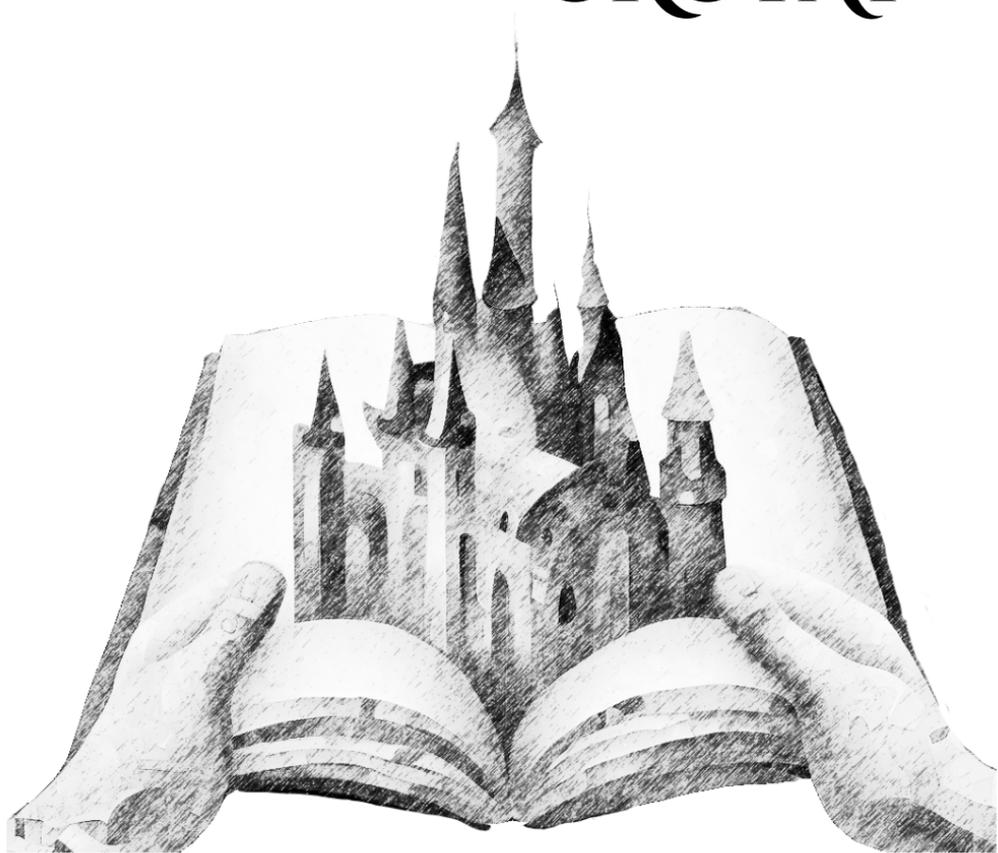


UM
CADERNO
PARA AS IDEIAS NA
EDUCAÇÃO
DO REINO ENCANTADO DE
URUTAÍ

Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita (Orgs.)



UM
CADERNO
PARA AS IDEIAS NA
EDUCAÇÃO
DO REINO ENCANTADO DE
URUTAÍ



DANIEL VALÉRIO MARTINS E RUAN ROCHA MESQUITA (ORGS.)

Um caderno para as ideias na educação do reino encantado de Urutai

1ª Edição – Junho de 2023

DOI: <https://doi.org/10.57242/AeBook00002>

Organizadores: Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita

Edição: Capa e Ruan Rocha Mesquita

Imagens: Inteligência Artificial Microsoft Bing Creator

Revisão Ortográfica: Simone Aparecida Fonseca Alves

Apresentação: Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita

Prólogo: Cinthia Maria Felício

Prefácio: Luiz da Silva Peixoto e Rodrigo Simão Camacho

Posfácio: Antonio Augusto Bonatto Barcellos

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação - AINPGP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122

Um caderno para ideias na educação do reino encantado de Urutai [recurso eletrônico]. / Organização de Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita. 1. ed. Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2023.

131 p.

Vários autores

ISBN:978-65-87527-23-9

1. Educação. 2. Educação superior. 3. Metodologia. 4. Aprendizagem. 5. Práticas pedagógicas. I. Martins, Daniel Valério. II. Mesquita, Ruan Rocha. III. Título.

CDD 378

Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

Copyright © 2023 AINPGP e autores

Todos os direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito dos autores do livro.



Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/n
Populares, Cajazeiras - PB, CEP: 58900-000

<https://ainpgp.org/>

SUMÁRIO

Apresentação	5
Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita	
Prólogo	9
Cinthia Maria Felicio	
Prefácio	12
Luiz da Silva Peixoto e Rodrigo Simão Camacho	
1. O reino distante	15
Angela Rosa Resende da Silva	
2. O sonho	22
Clêda Luiza de Oliveira	
3. A realidade	28
Adrielle Aparecida P. de Mello Santos	
4. Um fio de esperança	33
Cléia Cristina de Oliveira Gomes	
5. Em busca da “boa nova”	39
Simone Aparecida Fonseca Alves	
6. Placas e letreiros	45
Élida Tavares da Silva Escorcio	
7. O encanto	49
Rafaela Santos de Andrade	
8. A diversidade	54
João Paulo Henrique Pereira de Oliveira	
9. A democracia	60
Lucineide Alves de Jesus	
10. Revelando os fatos	67
Magna Mizurini	
11. O inesperado	77
Aline de Fátima Ferreira Carneiro	
12. Chegada ao reino	84
Liara Reis Silva	

13. Um novo amanhecer	89
Caroline de Sousa Araújo Cabral	
14. A formação de professores	94
Renata de Oliveira Campos	
15. Novos desafios.....	98
Rafael Paranhos Garcia	
16. A longa noite e o despertar de um novo tempo	104
Áustria Régia Rezende dos Santos Costa	
Comentários sobre a obra	111
Comentário 1.....	111
Fátima dos Santos Gerolin	
Comentário 2.....	113
Pedro Henrique Silvestre Nogueira	
Comentário 3.....	115
Lídia Maria dos Santos Moraes	
Comentário 4.....	117
Jesús M. Aparicio Gervás	
Comentário 5.....	118
Alfredo Rajo Serventich	
Comentário 6.....	120
Cynthia Kelly de Sousa Lopes	
Comentário 7.....	121
Ana Rita Braúna Alencar	
Comentário 8.....	123
Ed Carlos de Sousa Lima	
Posfácio	125
Antonio Augusto Bonatto Barcellos	
Sobre os autores	127
Sobre os organizadores.....	130

APRESENTAÇÃO

Iniciamos este texto com uma frase que ecoou, em nossas mentes, durante a Semana Pedagógica do IF Goiano do Campus de Urutaí no momento da mostra dos resultados do trabalho realizado, a várias mãos, entre os alunos das disciplinas de Relações Étnico-raciais dos cursos de Química e Educação Física e os alunos do PPGENEB da disciplina de Dissertação do curso 2022.2: “enquanto alguns fazem provas, vocês fazem livros”.

Essa frase foi dita no momento da apresentação do primeiro conto colaborativo realizado por todos os alunos dos cursos mencionados anteriormente, “Um Caderno para as Ideias de um Jovem do IF Goiano que quer Mudar o Mundo” e ao ouvimo-la, remeteu-nos a várias reflexões sobre a importância de um repensar das práticas pedagógicas, de sistemas de avaliação que realmente venham a contribuir com os alunos e com uma conscientização na formação enquanto futuros profissionais da educação. Essa ideia parte de uma teoria em desenvolvimento

chamada de “Avaliação Materializada”, na qual o fruto de avaliações, em formatos de textos, uma vez publicados, serão levados por toda a vida nos currículos desses alunos.

A ideia central, na construção dos contos, parte de dinâmicas de grupo e técnicas pedagógicas como a contação de histórias, calcadas em autores como: Antoine de Saint-Exupéry; Jérôme Ruillier; Rubem Alves e Machado de Assis.

As dinâmicas partem de interpretações de frases de contos como o Pequeno Príncipe e o conto Por Quatro Esquinhas de Nada, depois, postas em prática, com discussões sobre a moral dessas histórias. No caso desse novo material, que vem à luz, soma-se às ideias de leituras de obras como o Conto de Escola, de Machado de Assis e da obra Estórias para quem Gosta de Ensinar de Rubem Alves. Este elabora uma antologia de crônicas sobre a Educação e, entre elas, algumas que se intitulam O País dos Dedos Gordos.

Surge, então, a Coleção Cadernos de Ideias para

Mudar o Mundo, e este volume agora apresentado, “Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí”, foi escrito pelos alunos do Mestrado Profissional em Ensino para a Educação Básica do IF Goiano Campus de Urutaí.

A coleção agrupa contos que mostram as preocupações sobre o desenvolvimento humano por meio da Educação.

A princípio, a roupagem que antecipamos é de contos infantis, devido à escolha de personagens como reis, rainhas, príncipes e princesas, além de arautos, magos, feiticeiras e outros com títulos de nobreza, mas o que está implícito é uma carga de questionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais com a missão de desvelar os problemas do reino e, quiçá, possam contribuir com a mudança do mundo por meio da Educação.

Cada turma do período de 2023.1 (das disciplinas de Relações Étnico-raciais do curso de Química, Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania da Educação Física e do PPGNEB) foi responsável pela

escrita de um dos volumes que incrementam a coleção iniciada desde 2020, na Universidade Federal da Paraíba, e cada um desses volumes mostra problemas visíveis em nossa sociedade, que são propagados e multiplicados pela falta de interesse de alguns governantes em promover o que está estabelecido por lei “a Educação como um direito de todos e dever do Estado e da Família”.

Esperamos que estas obras possam contribuir com reflexões acerca de nossas práticas pedagógicas e sirvam de modelo a ser replicado, transformando os alunos “fatores de provas” em alunos “escritores e pesquisadores” dos problemas sociais e culturais de seus entornos.

Daniel Valério Martins
Ruan Rocha Mesquita
Organizadores

PRÓLOGO

E assim, em um suposto reino em que a deficiência acorda sentimentos e desejos de se buscar soluções... Há de existir a esperança e a fé em pessoas que possam ajudar na transformação e na evolução de outras, motivadas pelo desejo soberano e amoroso que deseja deixar um legado maior para os bem-amados filhos...

E quem seriam esses filhos? Cegos, surdos, paralisados cerebrais, disléxicos e deficientes de toda ordem que precisam de respeito e condições de equidade, pois quem ainda não descobriu os seus limites, precisa de apoio e condições de aprender e ensinar, não é mesmo?

Quem seriam Cecília e Erasto nesse reino encantado e distante da leitura, necessitando de acessibilidade e condições para ler o mundo? E neste momento, questionamo-nos ou, talvez perdidos em nossos devaneios, constatemos que esses filhos poderiam ser os nossos próprios filhos e sangue do nosso sangue e então...

E então? Será que poderíamos nos sensibilizar e pararmos para refletir sobre essa situação? Quem sabe nos colocar como os soberanos desse reino encantado que se constitui do nosso valoroso povo e da nossa gente trabalhadora e amiga, com todas as suas diferenças e singularidades e assim, talvez com mais empatia, poderíamos refletir sobre quais esforços não faríamos para deixar mais esperança e felicidade no horizonte de nossos queridos filhos? Nosso melhor e mais encantado legado, que nada nem ninguém poderia usurpar?

E onde fica esse reino tão distante? Que necessidades e carências ele apresenta?

Como seu povo se desenvolve e anseia por novos horizontes? Que problemas e dificuldades existem aqui e ali, nesse reino que se reconhece o valor da Educação e pensa meios equânimes para ensinar e aprender?

Venha comigo e vamos descobrir, a partir de cada palavra que uma construção coletiva e desafiadora se fez crença e realidade, veio do esforço de mãos

generosas que fazem da escrita e da leitura um desafio que a boa vontade precisa ir longe buscar... Mas ela não se esmorece, agiganta-se nos corações daqueles que sonham e fazem desse sonho uma linda realidade; que ganha corpo e concretude nas ações daqueles que não têm medo... E que seguem conosco cada palavra e assim, transportamo-nos ao desafio de descobrir o que está por trás de cada letra desse reino de encantos que vem sendo traduzido e desvendado aqui e agora... Venha comigo e vamos nos encantar!

Cynthia Maria Felício
Professora do Instituto Federal Goiano
Doutora em Química pela Universidade
Federal de Goiás

PREFÁCIO

“Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo”

Jose Saramago

“Era uma vez...”

Assim começam a maioria das histórias que conhecemos. Histórias que fazem parte do imaginário popular, das culturas ancestrais e das sabedorias das nossas comunidades. Histórias que têm, por função primordial, resgatar, garantir e propagar valores e princípios para as novas gerações.

Assim também, com a expressão “Era uma vez”, inicia-se este livro, que nos remete, esperançosamente, a uma viagem “em busca da boa nova” e por “placas e letreiros” segue-se construindo um novo espaço de esperanças em busca do “encanto”, que respeita e promove “a diversidade”, “a democracia”. Em “revendo os fatos”, apresentam-se as novas possibilidades de uma educação que inclua e seja de todos e todas.

Na “chegada ao reino”, na volta da viagem que é a

busca do conhecimento, faz-se o momento de compartilhar o que é visto e vivido ao longo do caminho, que aponta para “um novo amanhecer”. “Novos desafios” são apresentados, paradigmas questionados (O que ocorre quando se acessa o conhecimento e o transforma em reflexão e formação da consciência?). E foi assim que a Educação desempenhou um papel fundamental na transformação do antigo reino de Urutaí para a República Democrática de Urutaí, capacitando as pessoas com o conhecimento e os valores necessários para participarem plenamente da vida econômica, social e política de sua comunidade.

Em tempos-espacos atuais em que os saberes e experiências humanas longínquas são destruídos e substituídos por conhecimentos pragmáticos que visam à maximização dos lucros, uma obra como esta contribui em fazer pensar sobre o papel da Educação na construção de novas formas de territorialidades, com outras organizações e saberes em comunidades, recriando sociedades. Não tenhamos pressa, mas...

era uma vez mais...

Luiz da Silva Peixoto
Mestre em Educação e Territorialidade -
UFGD

Rodrigo Simão Camacho
Professor da FAIND-UFGD
Doutor em Geografia pela UNESP

UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE URUTAÍ

“Na medida, porém, em que me fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na "leitura" que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.”

Paulo Freire, A importância do ato de ler, 1989



1. O REINO DISTANTE



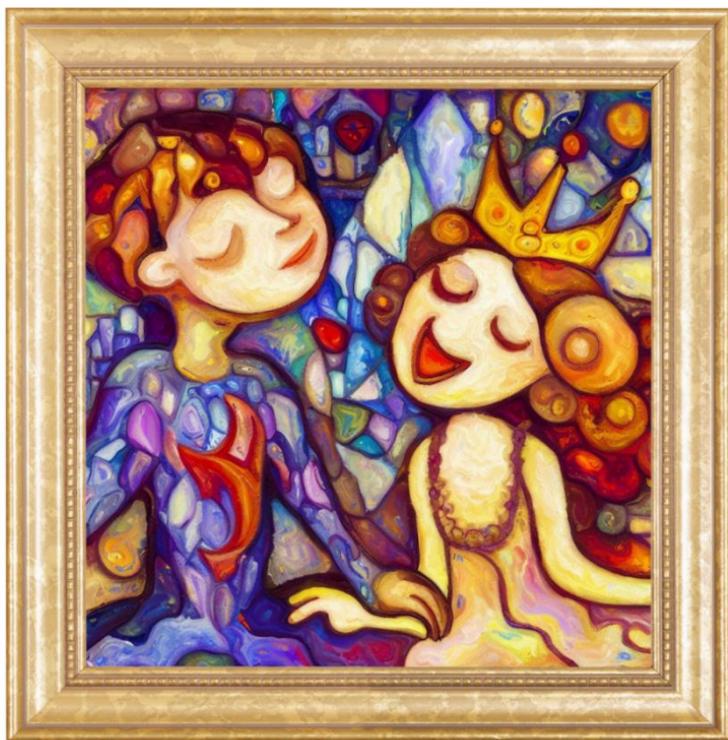
Era uma vez um reino bem distante que se chamava Reino de Urutaí. O pequeno reino situava-se nas montanhas e lá vivia uma população de três mil habitantes. O pequeno Reino de Urutaí era conduzido por uma família monarca que lá vivia e há muitos e muitos anos estavam no poder. Os monarcas tinham um casal de filhos com deficiência, os quais eram muito amados e tudo o rei e a rainha faziam para que eles fossem felizes.



Percebia-se que, ali naquele reino, havia uma divisão de classes bem definida, viviam camponeses, nobres, o alto e baixo clero e alguns burgueses. Mesmo existindo essa divisão de classes, por ser um reino pequeno, as pessoas viviam em harmonia, a maioria conhecia uns aos outros e todos sabiam bem quais eram os encantos do reino, mas também os seus problemas.

Certo dia o rei e a rainha, em seus aposentos,

discutiam sobre o fato de seus filhos, já quase adultos, não haviam sido alfabetizados e isso estava lhes trazendo grande angústia, pois eles tinham verdadeira paixão pelos livros, pela leitura e pelo aprendizado e se preocupavam com o fato dos filhos não serem alfabetizados e o quais consequências esse fato poderia trazer para eles no futuro.



Dessa forma, o rei ordenou aos seus mensageiros que visitassem as escolas do reino e trouxessem um

professor que pudesse ajudar seus filhos, lembrando-lhes de que o príncipe e a princesa possuíam deficiência e necessitariam de estratégias e recursos específicos para serem alfabetizados, mas o rei e a rainha não imaginavam que o problema era ainda maior...

Os três mensageiros do reino, mais que depressa, obedeceram à ordem e peregrinaram por todas as escolas do reino e dos reinos circunvizinhos, o reino de Pires do Rio e o reino de Ipameri, por exemplo, um arauto por reino, e assim passaram por escolas de camponeses, de burgueses e até em escolas que a igreja dirigia.

Ao retornarem ao castelo, os mensageiros chegaram todos afoitos, pois durante a peregrinação, descobriram que o problema do reino e dos reinos circunvizinhos era ainda muito maior do que se pensava. Os mensageiros pediram, então, uma reunião urgente com o rei e com a rainha para que pudessem lhes contar tudo o que viram e ouviram durante as visitas realizadas.

Logo o rei e a rainha foram até a sala de reuniões e se colocaram à disposição dos mensageiros para ouvirem tudo o que tinham a lhes contar, na esperança de que receberiam boas notícias e que, em breve, teriam professores no castelo para alfabetizar seus filhos.

Assim que chegaram à sala, todos se sentaram ao redor de uma grande mesa e a reunião se iniciou.



O primeiro mensageiro foi logo dizendo que ao

visitar algumas escolas do reino descobriu que grande parte dos estudantes não eram alfabetizados e que as famílias estavam entristecidas com essa situação. O segundo mensageiro complementou dizendo que pelas escolas do reino que visitou não se encontravam professores alfabetizadores ou mesmo professores que tinham formação adequada para trabalhar com pessoas com deficiência. O terceiro mensageiro complementou dizendo que, independentemente da classe social daquele povo visitado, descobriu que o analfabetismo se fazia presente e que as escolas não estavam conseguindo alfabetizar todos os alunos.

Diante do que ouviram de seus mensageiros, o rei e a rainha se deram conta que, mesmo sendo amantes de livros, a leitura era uma prática que tinha ficado para trás. Concluíram que o analfabetismo era um problema recorrente no Reino de Urutaí. Tal conclusão trouxe grande preocupação ao rei e à rainha, pois sonhavam em ver seu reino sendo um lugar de aprendizado e desenvolvimento, mas que,

no momento, viram seus sonhos sendo desfeitos por uma realidade que precisava ser mudada.

Então, o rei e a rainha decidiram buscar meios para mudar tal realidade. Então...

Angela Rosa Resende da Silva



2. O SONHO



As majestades começaram a refletir de que maneira, como líderes daquele reino, poderiam fazer para encontrar um sábio capaz de reverter aquela situação de analfabetismo. Os mensageiros Anhum, Guaraci e Anhangá, mesmo com suas astúcias, não conseguiram encontrar ninguém capaz de realizar a vontade real.

O rei Gael, cuja origem do nome era “o que protege”, jamais aceitaria o fato de que seus filhos Erasto, “homem da paz”, deficiente mental, e Cecília, que, mesmo sendo cega, tinha sabedoria de vida, não soubessem ler nem escrever. Afinal, seriam herdeiros do reino e deveriam impor aos seus súditos seu poder, em forma de leitura e conhecimento.

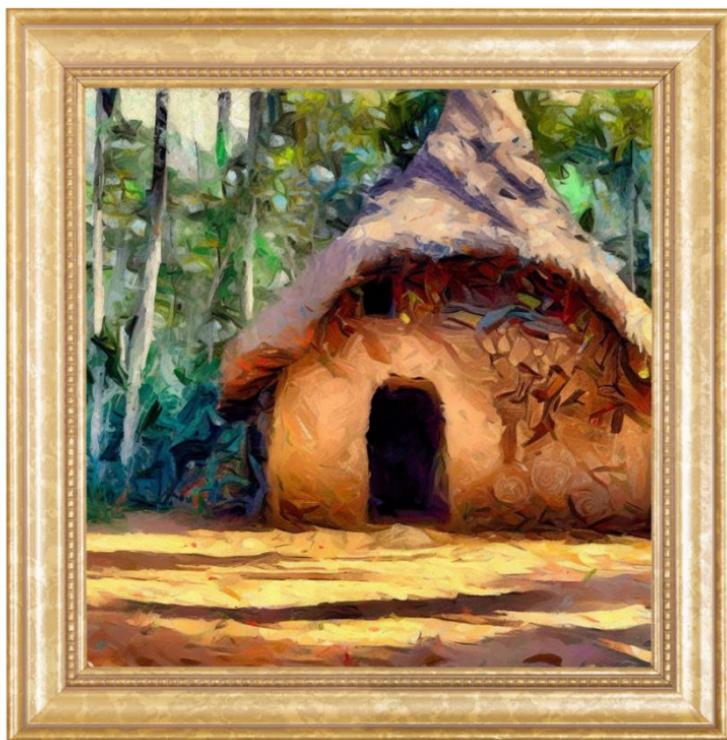
A rainha Isabel, “aquela que cumpre promessas”, também ficou inconformada, pois prometera aos

filhos, quando nasceram, que eles teriam toda a riqueza material e imaterial do mundo. De que valeriam castelos, terras, ouro, prata, serviçais se não tivessem o respeito do povo a quem comandariam? Já não lhes bastavam tantos julgamentos pela condição de suas deficiências pela burguesia que frequentava o castelo? Não! Aquela situação não podia perdurar.



Os dias e noites foram passando. E foi numa noite

de céu muito estrelado e de lua cheia, que o rei Gael teve um sonho revelador. Sonhou que morava em um casebre em meio à floresta, coberto de palha, de paredes de barro e chão de terra batida.



No casebre, havia uma sala com muitas tábuas, que formavam estantes cheias de livros. Mas não eram livros quaisquer, eram livros de couro, com capas coloridas e desenhos talhados com pedras e elementos da natureza. Eram mágicos e deles

exalavam cheiro de terra molhada e de ervas cheirosas: o perfume da mata.



Na saleta, o chão de terra batida era coberto por um tupé, tapete indígena Yanomami, e sobre ele, além da rainha, Cecília, Erasto e ele, estava sentada a indígena Apoena, uma indígena Xakriabá. Era a indígena quem falava:

– Há muitas formas de aprender a ler e escrever e os livros mágicos farão com que Cecília e Erasto não

só possam ser alfabetizados, mas também farão com que possam ajudar a alfabetizar e a letrar todos do Reino de Urutaí.

– Mas como? Perguntou o rei curioso, pois sabia que os filhos eram pessoas com deficiência e por isso incapazes de tal façanha.

A indígena Apoena, “aquela que enxerga longe”, considerou:

– Cecília é cega. A falta da visão não a impede de enxergar o mundo. Ela o faz com outros sentidos. A sua sabedoria salta pela pele. Já Erasto é o “homem da paz”, traz harmonia e união ao reino. Sabedoria e paz farão que o amor prevaleça e assim a magia dos livros saltará das páginas e fará com que eles aprendam a ler, a escrever, a decodificar e compreender as palavras, as frases, os textos. Entenderão técnicas e meios para ensinar não só às pessoas sem deficiência, mas todos aqueles com deficiência e transtornos. Ninguém mais do Reino de Urutaí será analfabeto.

E fixando o olhar no rei, alertou:

– Mas para que isso aconteça é necessário que
vossa majestade...

Clêda Luiza de Oliveira



3. A REALIDADE



Desprenda-se das algemas do ego que o aprisiona, de toda e qualquer altivez, é preciso ter de fato um coração nobre e uma visão de que todos são capazes de aprender e necessitam de uma vida independente e digna e que as divisões sociais não podem ser impedimento para o desenvolvimento de um povo.

Ao despertar, o rei Gael começou a pensar acerca do sonho que tivera, começou a indagar-se sobre as questões do analfabetismo em seu reino, sobre as deficiências de seus filhos, chegando à conclusão de que o analfabetismo era apenas uma gota diante de um mar de problemas ali existentes. Um povo sem estudo torna-se um povo fraco, um povo fraco enfraquece seu reino.

O rei, em seus pensamentos, admitiu que, mesmo para a sua família que dispunha de todos os recursos

e privilégios que lhes garantiam uma vida confortável e oportunidades interessantes, a deficiência não os poupou, pois, ela não escolhe em que família irá se instaurar, imagina, então, para o sofrido e miserável povo do seu reino?



O rei, de início, chamou a rainha Isabel para uma conversa, com a qual objetivava relatar seu sonho e mostrar a que conclusão chegara.

– Minha amada rainha, tu bem sabes o quanto os

sonhos são reveladores e significativos para nós, eu poderia dizer que o sonho que me ocorreu, são reflexos de nossas preocupações futuras e seria imprudente de nossa parte não lhes dar importância. Assim, sinto-me no dever de compartilhá-lo contigo para juntos buscarmos uma solução não apenas para nossos amados filhos, mas também para todos os nossos súditos.

E continuou:

– Cheguei à conclusão de que estamos há anos com os olhos fechados e alheios aos problemas existentes em nosso reino. Nossas preocupações advêm do avanço de nossa idade, com a aproximação da morte, nossos medos estão atrelados ao amor que nutrimos por nossos filhos e o medo de deixá-los desamparados, e esse desamparo não é de riquezas materiais, pois o nosso reino é próspero e tem muito a lhes oferecer. O nosso medo não vem das limitações que uma deficiência ocasiona. Nossos filhos precisam de mais, nossos súditos também. Venha, ajude-me com toda sua doçura e firmeza a

tomarmos as rédeas do nosso reino.

A rainha com os olhos cheios de lágrimas respondeu:



– Amado rei, ficamos, por muito tempo, superprotegendo os nossos filhos, com excesso de cuidados, e temendo os olhares reprovadores e os julgamentos alheios de algumas pessoas. Somos reis, mas acima de tudo, somos pais.

– Criamos uma barreira para nossos filhos, não

demos a importância devida à sua escolaridade, apesar de serem cheios de vivências, eles precisam de mais, suas limitações também nos limitaram, erramos, erramos muito, mas nunca é tarde para recomeçarmos.

– De que adianta uma biblioteca repleta de livros com os mais renomados autores como a que temos, se não há quem possa lê-los? Acerca da deficiência visual de nossa filha não se preocupe, já orientei que providenciem, seja em nosso reino ou em reinos vizinhos, professores aptos, qualificados para alfabetizarem não apenas a Cecília, mas os demais deficientes visuais existentes em nosso reino.

O rei deu ordem para que fosse feita uma varredura, para além do reino, em busca de mestres para alfabetizarem não apenas seus filhos, mas também todos os que necessitavam. Para o rei Gael, a deficiência, seja ela qual for, e também a classe social de um sujeito, não seriam mais empecilhos para extinguir o analfabetismo daquele reino.

Adrielle Aparecida P. de Nello Santos

4. UM FIO DE ESPERANÇA



Anhum, Guaraci e Anhangá foram novamente designados como mensageiros do rei Gael, desta vez para além dos muros que protegem o reino. A missão que lhes foi destinada exigia uma longa jornada pelo

cerrado da Capitania de Goiás, percorrendo, desta vez, não somente o seu reino e os reinos circunvizinhos, mas também os reinos distantes, sobretudo aqueles que tivessem mais desenvolvimento no setor educacional.

Os três arautos eram muito fiéis e gratos ao seu rei, pois quando saíram da tribo Xacriabá, no reino de São João das Missões, fugindo de garimpeiros que os ameaçavam, encontraram abrigo e apoio no Reino de Urutaí. Compreendiam também que era importante que a missão lograsse êxito, já que percebiam a angústia do estimado casal de monarcas.

E foi assim que, durante dias, percorreram os atalhos e as estreitas estradas rudimentares que serviam de caminho entre os reinos. Não lhes era em nada penoso já que tinham as habilidades da pesca, da caça e da sobrevivência na mata.

Ao final de uma semana, sol a pôr-se no horizonte, decidiram acender uma fogueira e pernoitar num espaço descampado ao longo de uma trilha que terminava em um rio chamado Corumbá, advindo do

tupi-guarani “curupah” ou “lugar distante”. Já se preparavam para o descanso, após terem se alimentado com mangabas, muricis e alguns lambaris que conseguiram pescar, quando Guaraci, com sua audição aguçada, alertou:

– Lá vem alguém.



E assim, em alerta, foi que viram a figura de um homem de capa e chapéu, montado num magro cavalo campeiro, vir rompendo pelo atalho até

chegar perto deles. Quando já podiam perceber as longas barbas brancas e a pele escurecida e enrijecida pelo sol e poeira, ouviram uma voz firme: “Amigos, venho em paz!”

O velho apeou-se do cavalo e encarando os três indígenas sorriu um sorriso desdentado, no que recebeu luminosos sorrisos de volta.

– Prazer eu sou Ramon. Sou um viajante solitário em busca de um reino tranquilo para me estabelecer. E vocês, quem são e o que buscam?

– Somos mensageiros de Gael, rei de Urutaí, e buscamos um reino que tenha bons mestres da leitura e da escrita e que aceitem o convite do rei para vir morar conosco e ensinar nosso povo a ler e a escrever. Respondeu prontamente Anhangá.

Ramon vincou ainda mais sua enrugada testa e, mão no queixo, como que a buscar alguma informação na mente, ficou calado, por alguns instantes, antes de proferir em tom de animação:

– Pelo visto vocês têm um bom rei, que se preocupa com seu povo! Ora, vejam só ... Convidar

professores a irem morar em seu reino! A maioria dos reis abomina a ideia de ter seu povo alfabetizado, tendo acesso a livros e jornais! E por isso creio que a missão que lhes foi atribuída não será fácil! Mas...

Os três xacriabás indagaram em coro:

– Massssss????

O velho colocou a mão em concha acima dos lábios, como quem conta um segredo:

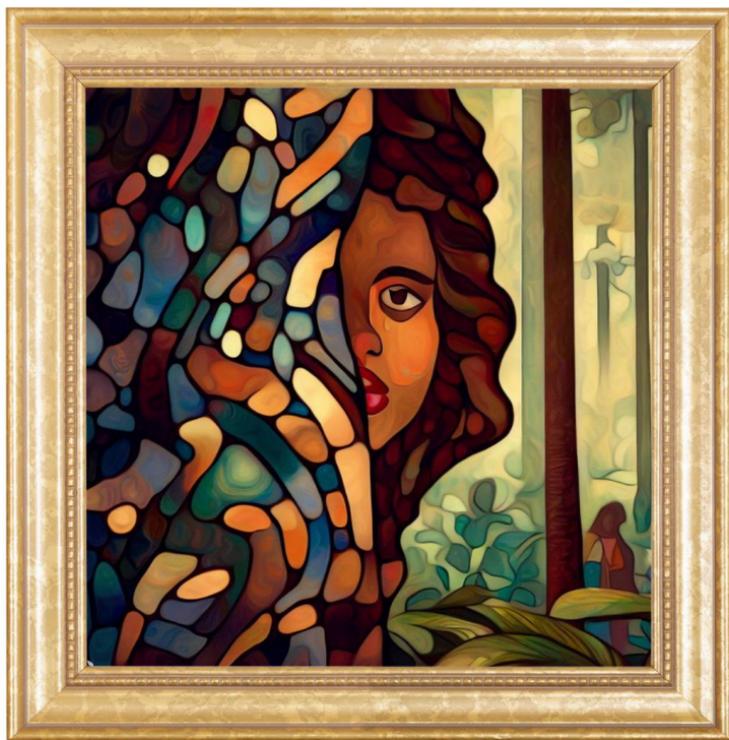
– Ouvi falar de um reino muito desenvolvido, onde todos os moradores sabem ler e escrever, desde os da família real até os mais pobres súditos, crianças, adultos, quem aprende fácil e quem tem dificuldade em aprender. Dizem que por lá o ensino é muito desenvolvido e que ensinam até uma língua que se fala com gestos e expressões faciais.

Vendo o misto de curiosidade e excitação no rosto dos três homens, o velho ponderou:

– Mas eu só ouvi falar, eu não sei o nome deste reino e nem onde fica ao certo... se ele existir, vocês haverão de encontrá-lo e retornar com boas novas.

Os três olharam-se como que a confirmar uns aos

outros: sim, haveremos de encontrar esse reino!



Ali por perto, encoberta pela penumbra que antecede a noite, escondida por detrás do tronco de uma árvore de pequi, a figura de uma bonita indígena observava a cena sorrindo. Se o rei Gael a pudesse ver ali, de certo que confirmaria se tratar de Apoena a mesma que semanas antes lhe aparecera em sonho.

Cléia Cristina de Oliveira Gomes



5. EM BUSCA DA “BOA NOVA”



À tentativa de conversar com aquela bela e sorridente indígena, ela, em disparada, sumiu na mata já em penumbras, ocultando, magicamente, o seu corpo.

Os três homens indígenas, ainda mais animados e encorajados pelo viajante, decidiram descansar naquela noite para estarem bem-dispostos no dia seguinte e continuarem na missão.

Como eles estavam mais aliviados!!! Não andariam mais a ermo. Tinham o que procurar. Levariam, finalmente, boas novas às suas majestades: o Rei Gael e a Rainha Isabel.

Ao amanhecer, mal cumprimentaram o sol, já foram logo desmontando o acampamento, despertando o sono ao lavar seus rostos com as águas do rio Corumbá, abastecendo os seus cantis e

selando os seus cavalos. Tinham pressa, havia esperança e confiança em seus olhares. Em coro, apelaram:



– Que “Iaiá” nos acompanhe!!!

No caminho, os três ficavam rememorando as falas do cavaleiro Ramon.

– Como será hein, Guaraci? Um reino onde todos os moradores sabem ler e escrever? E que até quem tem dificuldade em aprender, aprende fácil?

– Será que lá não tem ninguém “burro”?

Respondeu Anhangá.

– Deve até ter pessoas como a gente, que tem dificuldade em aprender, mas você se esqueceu de que o Ramon nos disse que, por lá, o ensino é muito diferenciado e que ensinam de todos os jeitos e até com gestos? Interferiu Guaraci.

– Será que eu iria aprender a juntar as letras neste lugar? Mal aprendi a escrever o meu nome. Até tentei aprender mais coisas, mas sempre me disseram que eu não aprendia. Diziam-me também que filho de pobre nunca seria “rei”! Lamentou Anhum.

– Também me falavam isso! Desisti de aprender ou desistiram de me ensinar. Completou Guaraci.

– Cá, entre nós, meus companheiros! Se nós que não temos nenhuma deficiência cognitiva, física ou mental, não conseguimos aprender a juntar as letras nem a resolver os problemas de matemática, como as altezas Erasto e Cecília irão aprender? Perguntou Anhangá.

Anhum acrescentou:

– E por que eles querem aprender a ler, escrever e contar? Já nasceram com deficiências. O príncipe é deficiente mental e a princesa é cega!!! Não terão capacidades para suceder o rei Gael.

Guaraci interveio:

– Meus companheiros! Não digam tolices! Querem fazer com as altezas o que fizeram com a gente? O viajante Ramon não nos apareceu por nada. Mais uma vez vou lembrá-los de que estamos à procura de um “reino” que inclui todas as pessoas no processo de ensinar e aprender, que se importam com as maneiras e ritmos diferentes de cada um aprender. Os professores de lá devem ensinar desde com os belos e atrativos livros do sonho do rei, até por intuição, sensações, emoções, gestos e toques. Ao contrário do que nos disseram, todos devem ter oportunidade de estudar e de ter alguém capaz e com vontade de ensinar.

Os dois outros mensageiros foram, então, tocados pelas palavras animadoras e entusiastas de Guaraci e seguiram confiantes no propósito de encontrarem

aquele reino onde estaria a solução para o problema do analfabetismo do lugar em que viviam.



No caminho, iam conversando e imaginavam que, por ser um reino tão desenvolvido na questão do ensinar, encontrariam um lugar extremamente grande, bem estruturado, com arquitetura faraônica, recursos pedagógicos de todas as ordens. Que gênios seriam os professores de lá!!!

Depois de longos e exaustivos dias, mas ainda

firmes na missão que lhes foi designada, chegaram a uma estrada comprida, de chão transitável, margeada por árvores frondosas e bem verdes e, embora, não soubessem ler, deduziram que uma placa amistosa, com letras bem “desenhadas”, informava-lhes que eles, finalmente, estavam no Reino do Saber para TODOS!

Simone Aparecida Fonseca Alves



6. PLACAS E LETREIROS



Anhum, com passos encurtados e seus dedos cerrados na correia da capanga, olhava tudo atentamente. Não conseguia entender e muita dúvida passou a ter:

– Será que realmente estamos no Reino do Saber para Todos?

– Resga! Ralhou Anhagá – Olha isso tudo! É igualzinho ao reino de Urutaí! Acho que o povo daqui não sabe de nada não!

– Para de besteira! Bravejou Guaraci. – Vamos conhecer o Rei deste lugar! E uma solução ele há de nos dar.

Agora, com os passos mais alongados e com o peito estufado, adentraram em uma birosca e já perguntaram ao primeiro homem que viram:

– Ei! Onde fica o seu rei?

– Rei? Indagou o homem. – Vocês querem dizer o Reinaldo, o borracheiro? Para que vocês querem saber dele? Vocês não estão a pé?

– Não, moço! Queremos conhecer o seu rei. Aquele que manda em tudo.

– Ah tá! O birosqueiro tirou o boné da cabeça e coçou sua pequena careca – Agora tudo desanuviou! Quem está mandando por aqui atualmente é o nosso prefeito Virgílio. Mas, ainda que por mal lhes pergunte o que vocês querem tanto tratar com ele? Ele tem alguma dívida com os senhores? Olha que sempre desconfiei dele.

– Não é nada disso, moço! Anhum, já com as pernas enrijecidas e com pouca paciência, respondeu ao homem. – Queremos aprender com ele o encanto de fazer todo mundo ler.

O birosqueiro aninhou-se em um pedaço de toco que estava no puxado. Levantou uma perna para junto de si e com a outra perna firmada no chão, segurando, entre os dedos da mão direita um palheiro, respondeu-lhes:

– Vocês, forasteiros, estão “perdidim”. Não sabem aonde ir e muito menos a quem procurar. Quem não tem rumo, não há de encontrar!

Anhangá entendeu o recado e de imediato suplicou:

– Ajude-nos, meu senhor! Precisamos nos encontrar!

– Ô, Batata! Gritou o birosqueiro.



Veio correndo um menino saltitante. Andava na

pontinha dos pés. Juntando os dedinhos das mãos. Calado chegou, calado ficou.

– Batata, por favor, leva os moços lá na escola Aprendendo e Vivendo. Apresente-os para a professora Íris. Pediu o birosqueiro.

Batata, sem dizer uma palavra, foi caminhando nas pontinhas dos pés, com os dedos das mãos entrelaçadas. E lia, com facilidade, toda placa, letreiro ou propaganda nos muros. E para algumas palavras ou frases lidas, ele inventava outras palavras e até fazia canções com elas.

Quando chegaram à porta da escola...

Élida Tavares da Silva Escorcio



7. O ENCANTO



Ao chegarem à porta da escola Aprendendo e Vivendo, os três indígenas mensageiros do rei Gael e da rainha Isabel ficaram receosos ao entrar.



Tinha tantas crianças, jovens e adultos por ali

transitando com livros e cadernos nas mãos.

Os mensageiros estavam encantados com aquela cena. No pensamento deles, estava a certeza de que tinham chegado ao lugar certo, e sem perceber, estavam sorrindo uns para os outros.

Batata logo apontou para uma jovem moça com um livro na mão, que estava sentada ao lado de algumas crianças em roda, dizendo:

– Aquela é a professora Íris.

O menino se colocou em direção à professora Íris, que ao ver Batata, foi até ele dizendo:

– Vitor, onde estavas? Eu estava contando uma história aos seus colegas e senti sua falta. A hora de descanso já está terminando e a aula já vai começar.

Batata, que, na verdade, chamava-se Vitor, prontamente respondeu:

– Eu estava brincando de ler as palavras que têm na rua e fui até a vendinha do seu Zé, professora. Eu encontrei aqueles três homens forasteiros perdidos lá, e seu Zé me pediu para trazê-los para escola até a senhora.

Os três indígenas mensageiros ainda estavam parados à porta da escola admirando toda aquela gente lendo e escrevendo.

A professora Íris se despediu de Vitor dizendo:

– Obrigada, Vitor. Agora vá para a sala que sua professora já vai começar a aula e eu vou conversar com os três homens.



Vitor foi cantarolando e pulando para a sala de aula, enquanto a professora Íris caminhou em direção

aos mensageiros.

– Boa tarde, senhores! Como posso ajudá-los? – disse-lhes a professora Íris.

Anhum já foi logo os apresentando.

– Boa tarde, linda moça! Eu sou Anhum e estes são Guaraci e Anhangá. Somos mensageiros do rei Gael e da rainha Isabel do reino de Urutai e estamos em uma missão para encontrar um reino em que nele haja pessoas que possam ajudar nosso povo a ler e escrever.

Guaraci completou:

– Nosso rei está preocupado com a Educação de todos os seus súditos, e também com a Educação dos seus filhos. O príncipe Erasto é deficiente mental e a princesa Cecília é cega.

Anhangá disse:

– Viajamos por longos dias e noites e nos encontramos com um viajante que nos contou sobre um reino onde todos os moradores sabem ler e escrever, até quem tem mais dificuldades em aprender, pois ensinam até com gestos e expressões

faciais. Acho que o encontramos.

Guaraci disse:

– Estamos encantados com toda essa gente, crianças, jovens e adultos com livros na mão. A moça pode nos ajudar?

A professora Íris ouviu atentamente os forasteiros...

Rafaela Santos de Andrade



8. A DIVERSIDADE



Depois de ouvir todos os relatos e anseios daqueles homens, a professora Íris ficou um tempo quieta, pensando no que poderia fazer. Ficou encantada com a ideia de poder ajudar aquelas pessoas e todo o reino de Urutaí, fazendo o que mais ama na vida: usar o ensino como instrumento de mudança.

Ela disse para os forasteiros:

– Posso ajudar vocês, aliás, terei todo o prazer.

Mas hoje não conseguirei. Vamos fazer o seguinte: hoje vocês dormem aqui e amanhã eu os acompanho.

Animados, os três em coro responderam:

– Tudo bem!

Dito isso, a sirene tocou e a professora Íris os convidou para ficarem no fundo da sala e acompanharem uma de suas aulas.

Eles ficaram fascinados com a diversidade de pessoas naquela sala: homens e mulheres com diferentes idades, cadeirantes, cegos, enfim, uma mistura que eles estavam ansiosos para ver se daria certo ensinar todas aquelas pessoas ao mesmo tempo.



Mas como em um passe de mágica, uma espécie de diálogo se iniciou e cada um começou a participar da aula, questionando, afirmando, trocando

experiências... e o trio, boquiaberto, acompanhava em transe aquele momento, como se estivessem ouvindo uma bela sinfonia dos melhores músicos, na qual instrumentos passaram longe da desafinação.

Ao término da aula, a professora pediu para que os viajantes se apresentassem, e assim eles fizeram. Logo, em seguida, pediu para que alguns alunos falassem de como a educação entrou em suas vidas.

A primeira a falar foi Beatriz. Ela disse:

– Chamo-me Beatriz, mas meus colegas me chamam de Bia, tenho 34 anos, e há dois anos, participo das aulas aqui na escola. Antes, era raro as pessoas que sabiam ler ou escrever. Mas tudo mudou com o retorno da professora Íris, que havia passado sete anos estudando no reino de Goiânia.

(Todos aplaudiram nesse momento)

A professora Íris disse:

– Sou muito grata a meus pais, filhos desta terra, que antes de partirem, deixaram-me, como herança, o dinheiro necessário para que eu pudesse dar linha a esse sonho.

Em seguida, Camilla disse:

– Chamo-me Camila, tenho 14 anos, nasci completamente saudável, porém ao completar dez anos, tive uma infecção forte de ouvido, o que me deixou surda. Não ouço completamente nada, e havia desistido de estudar. Um dia a professora Íris sabendo de toda situação, foi à minha casa e me explicou que juntas, poderíamos fazer dar certo. Hoje sei a língua de sinais e leitura labial.



Ao ouvir os relatos, os olhos dos três viajantes se encheram de água, pois no mesmo instante, lembraram-se dos filhos de seus senhores. Haveria, então, esperança.

A professora Íris notando a complexidade do problema do reino de Urutaí, explicou aos alunos que ficaria fora pelo tempo que fosse necessário, mas que não precisariam se preocupar, pois seria substituída. Decidiu terminar a aula com uma fala:

– Na época dos meus estudos no reino de Goiânia, eu aprendi da forma mais linda que a Educação é algo muito além de leituras e fórmulas matemáticas difíceis. Passar por esse processo transformador é abdicar-se de todo egocentrismo e se vestir de humildade suficiente para compreender que não sabemos de tudo, mas que basta esforço para aprendermos. Não serão todos os dias em que tudo estará bem e fácil, não digo isso, mas que diante das dificuldades presentes, que possamos nos apoiar, e entender que todos os ciclos se iniciam e terminam. Vamos juntos, aprendendo juntos, fazer desse ciclo o

mais confortável possível para todos.

A sirene toca. A aula termina.

João Paulo Henrique Pereira de Oliveira



9. A DEMOCRACIA



Anhum, Guaraci e Anhangá se juntam à professora Íris no término do seu expediente escolar. Acompanham-na rumo à sua casa, deslumbrados terminam aquele dia assistindo a um belo pôr do sol. A noite foi muito satisfatória para os três arautos do rei, cheia de novidades e aprendizados unívocos, pois ao se depararem com a pequena casa de adobe de quatro cômodos da professora e um quintal com um belo pomar com frutas saborosas e variadas, os três se sentiram privilegiados por estarem ali naquele momento. Momento este que lhes trouxe reflexões de como será gratificante a visita da professora Íris em seu reino.

Os mensageiros sentiram-se ainda felizes e gratos, quando a professora Íris, gentilmente, convidou-os para cear a farta e saborosa comida colocada à mesa

como aprendera com sua mãe, uma comida que o tempero cheirava longe, uma bebida doce e gelada feita do murici.



Ao se sentarem à mesa, Anhum questiona a professora o porquê daquele local não ter um rei para cuidar de seu povo, a professora sorridente e meiga explica que, a seu povoado, o desenvolvimento e a democracia chegaram um pouco mais rápido e, por isso o rei deixou de exercer sua função, deixando

assim, abertura para a tal democracia.

Guaraci também questiona a professora:

– Ora, professora! Conte-nos o que é uma democracia e como ela chegou ao seu povoado?

A professora, pacientemente, responde-lhe:

– Com o passar dos tempos, Guaraci, a vida tende a mudar, as melhorias chegam, mesmo que devagar, mas elas chegam. O meu povoado resolveu com a morte do antigo rei, há décadas, adotar o sistema de voto para a escolha do novo líder para nos governarmos, e isso se chama democracia. Ou seja, fazer valer a vontade do povo, usando das leis para amparar ainda mais os cidadãos que aqui, no povoado, vivem. Mas já está tarde, sem muitas delongas, homens, vamos nos preparar para dormir que amanhã sairemos bem cedo, rumo ao reino de Urutaí.

Ao amanhecer, o Sol começou a brilhar no lindo céu azul e todos já estavam prontos e preparados para a missão de voltar ao reino de Urutaí. Antes de pegarem o caminho de volta, a professora Íris recebe

um mensageiro com a tão esperada resposta ao pedido que teria feito, ainda quando estava na escola, à sua prima Jeane.

Mais que depressa, os três homens, já próximos aos seus cavalos, curiosos, arregalam os olhos um para o outro na tentativa de descobrirem de quem a professora falava, mas o mensageiro só lhe responde, secamente, que “ela” estará na saída do povoado esperando por todos.

A viagem de três dias de volta então começa...

Logo, na saída do povoado, está Jeane, uma moça branca, de cabelos castanhos claros confundindo para ruivo, montada em seu cavalo castanho e já com suas malas. Logo a professora lhes diz:

– Olhem, homens! Aquela é a minha prima Jeane, ela nos acompanhará nessa missão para que o sucesso do aprendizado do reino de vocês seja ainda mais valoroso.

Anhangá desconfiado coçou sua barba e com um pedaço de fumo na mão retrucou:

– Professora, ajudar de que modo?

Ela responde:

– Olha, Anhangá, eu sou professora com formação em pedagogia, tenho muitos conhecimentos e saberes para ensinar crianças, adultos, adolescentes e até os idosos. Mas, para ensinar os alunos que necessitam de um aprendizado especial, humm... não tenho.



Nesse caso, a Jeane irá nos ajudar, ela tem formação em libras, é intérprete e é líder da

comunidade surda/muda do meu povoado. Com toda a sua experiência, ela nos ajudará a alfabetizar todos aqueles que dela precisarem, sem contar que ela também ensina o Braille, uma língua usada para alfabetizar os deficientes visuais.

Guaraci, em silêncio, mais que depressa pensou! Cego, Braille, aprender, estudar. – Oh, bom Deus, tudo de que o nosso povo precisa, estamos levando conosco!

Radiante com a viagem de volta, os três arautos do rei não continham a emoção estampada em suas faces com largos sorrisos, não viam a hora de poder chegar ao reino de Urutaí com as boas novas e com as duas professoras.

No segundo dia de viagem, curiosa para saber como é o reino de Urutaí, Jeane pergunta para Anhum como é o convívio do Rei e da Rainha com todos. Com o coração cheio de alegria, ele lhe responde que o rei Gael é um bom homem além de ser muito sábio e que a rainha Isabel é uma mulher muito corajosa, com um coração enorme e

acolhedor, sempre disposta a ajudar todos e sempre empenhada em melhorias para o reino.

Lucineide Alves de Jesus



10. REVELANDO OS FATOS



– O sonho do nosso Rei Gael e da nossa Rainha Isabel é ver o nosso reino próspero e com muito aprendizado para todos.

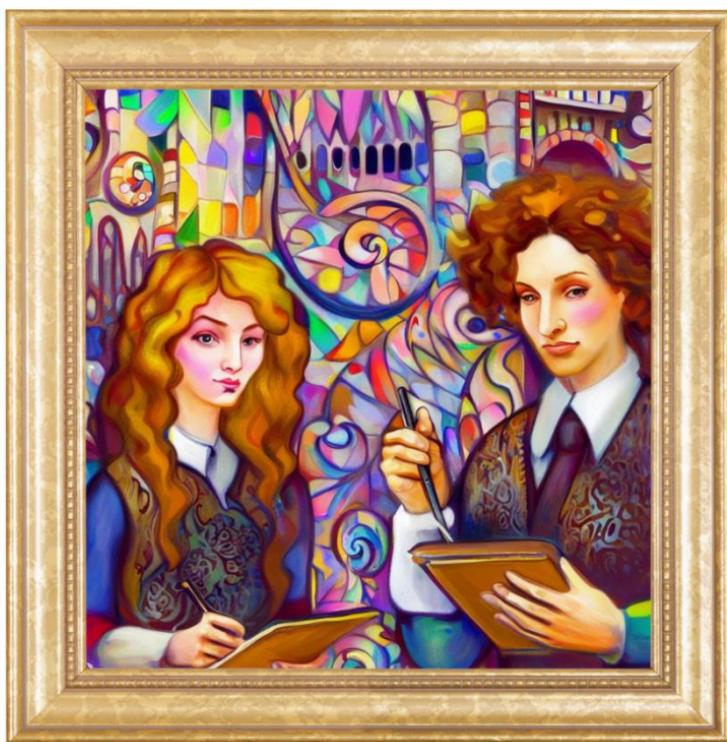
– Sim. Concordou Anhangá com as palavras do companheiro, porém acrescentou: – O nosso Rei e a nossa Rainha por serem amantes de livros, presumiram que, em nosso reino, todos tivessem acesso à leitura e ao conhecimento, mas quando nos enviaram para que encontrássemos um professor para seus filhos com deficiências, depararam com a triste realidade educacional das escolas do nosso reino: não encontramos nenhum professor hábil para ensinar o príncipe e a princesa!!! E isso causou uma grande aflição e desapontamento às Majestades. A partir daí, recebemos a missão de encontrar, em outro reino, professores para alfabetizá-los e que

pudessem também capacitar ainda mais os professores das nossas escolas.



Como já se aproximava da hora do almoço, ao verem um frondoso flamboyant florido, decidiram que ali seria o local ideal para montarem um breve acampamento. Logo, todos se sentaram sobre um enorme tapete, enquanto a fogueira se encarregava de cozinhar a refeição. Então, Anhum e seus amigos revezaram um discurso sobre o reinado de Gael, seus

anteriores e sucessores, assim como, o seu povo, enquanto as professoras Íris e Jeane, de posse de um caderno, anotavam as informações recebidas e indagavam ainda mais sobre tudo e todos do reino de Urutai, atentando-se para a diversidade dos grupos mencionados.



Curioso, Guaraci quis saber o motivo de tantas perguntas e anotações, pois bastavam chegar lá e ensinar a todos a arte da escrita e da leitura. A

professora Jeane percebendo a falta de entendimento do mensageiro, pacientemente, esclareceu:

– Lecionar é um desafio para qualquer professor e pelo que percebi, teremos alunos em vários níveis de aprendizado e desenvolvimento, idades e deficiências. Portanto, faz-se necessário um estudo, ou seja, uma avaliação diagnóstica dos alunos que iremos atender e para isso estamos coletando informações para que possamos selecionar os materiais pedagógicos específicos às necessidades de cada grupo.

Agregando mais informações ao assunto, a professora Íris que estava montando os pratos de comida completou:

– Para cada faixa etária, nível de autonomia e conhecimento do educando, o ensino precisa ter uma metodologia. Muitas vezes, de acordo com a deficiência, há a necessidade de um ensino específico e adaptado ao aluno.

– Entendi! Falou Guaraci admirado.

– Todo professor precisa chegar preparado para os

desafios a serem superados, diariamente, em uma sala de aula. Acrescenta a professora Jeane.

– Ao chegar ao seu reino, faremos outro levantamento de dados para identificar e selecionar adultos, crianças, jovens, os tipos de deficiência que alguns tenham, os seus níveis de conhecimentos e experiências de vida. Crianças aprendem de forma bem lúdica, com os jovens é interessante utilizar projetos educacionais de forma dinâmica e participativa, já com os adultos, é interessante ensinar com o emprego das vivências diárias de mundo.

Os mensageiros ficaram pasmos com tudo o que as professoras pontuaram. Então, Anhum boquiaberto pronunciou:

— Nossa!!! Eu não imaginava o quanto era complicado ensinar uma pessoa a ler e escrever. Para mim era só escrever as letras, juntar os pedacinhos e pronto.

– Darei um exemplo para que vocês entendam. Disse a professora Jeane colocando um livro diante

deles.

– Vejam que livro encantador! Exclamou ela.

Guaraci de posse do livro folheou-o com uma expressão de quem não entendia nada, trocando olhares entre todos os presentes, indagou:

– Como assim encantador? Aqui não tem nada escrito. Onde estão as letras?



– Este livro não é para ler com os olhos e sim com as pontas dos dedos. Disse a professora Íris sorrindo.

Os mensageiros também sorriram e Anhangá perguntou:

– Quem neste mundo lê com os dedos, professora?

A professora Jeane olhando fixamente para ele, com um timbre firme, porém calmo, retrucou:

– A sua Princesa Cecília. Este livro é para pessoas cegas, assim como ela. Ele está escrito em Braille. São códigos formados por seis pontos em duas fileiras paralelas na vertical. É um sistema de escrita com 64 variações que formam as letras do alfabeto, números e sinais de pontuação. É dessa forma que um cego lê e escreve.

O silêncio tomou conta do ambiente, até ser interrompido pela professora Íris que distribuía as refeições.

– Darei outro exemplo! Disse ela voltando-se ao silêncio e utilizando a Libras para se comunicar com eles e deixando os mensageiros ainda mais confusos.

Então, perguntou-lhes:

– Entenderam o que eu lhes disse?

– Não! A senhora ficou fazendo caretas e mexendo

com as mãos. Responde Anhangá rindo e se engasgando com o primeiro bocado de comida.

– Pois bem, eu disse, em Libras, que estou muito feliz por ir conhecer o seu reino e agradeci-lhes o convite.

– E isso é ler e escrever? Perguntou Guaraci.

– Para um surdo sim. A comunicação é o início de tudo no processo de leitura e de escrita. Libras é uma língua de modalidade gestual-visual, em que movimentos com as mãos combinados às expressões faciais substituem as palavras faladas e ouvidas. Observem que para cada deficiência, faixa etária, e grau de conhecimento, nós, professoras, precisamos de uma ferramenta específica de ensino e para termos êxito, necessitamos conhecer bem os nossos alunos e suas especificidades. Por isso estamos fazendo tantas perguntas.

Enquanto se alimentavam, a conversa continuou e as professoras registraram todos os dados que consideravam pertinentes.

Entusiasmado com a conversa, e mesmo com a

boca cheia de comida, Anhum perguntou à professora Jeane:

– Será que se eu estudar muito, conseguirei me tornar professor assim como a senhora?

– Claro que sim! - respondeu ela com um largo sorriso de contentamento. – Será um prazer ter você como um colega de trabalho. E saibam que, quero aprender muito com vocês também.

– Mas o que temos para ensinar a uma professora? - indagou Anhangá.

– Nem todo o aprendizado depende de leitura e escrita. Quero muito aprender sobre sua cultura. Antes de existir a escrita, os sábios anciãos de todos os reinos e tribos perpetuaram seus saberes transmitindo, oralmente, seus conhecimentos aos mais jovens, passando de geração a geração e isso se chama Endoculturação. Espero que durante a viagem eu possa aprender bastante com vocês.

Após o descanso para a digestão, levantaram acampamento e seguiram viagem. Os três mensageiros empolgados e sentindo-se úteis iam

trotando e contando às professoras sobre suas crenças, medicina natural, origem dos nomes, músicas, danças, vestimentas, culinária, artesanato e tudo o que vinha à cabeça.

Magna Mizurini



11. O INESPERADO



O Sol esturricante do cerrado brasileiro fazia com que os mensageiros e as professoras parassem constantemente para beberem água e se refrescarem nas sombras das árvores.



Em uma dessas paradas, sentados embaixo de uma árvore de Ipê Amarelo, típica do cerrado, Guaraci perguntou à professora Jeane:

– Estou pensando aqui com os meus botões... como que a senhora teve interesse em aprender essas coisas diferentes de livro sem letra e “falar” com as mãos?

A professora Jeane deu um sorriso de canto de boca e com toda doçura respondeu-lhe:

– Eu sou filha de pais surdos, quando minha mãe era pequena, por volta de dois anos de idade, teve uma doença chamada meningite, ela foi curada, mas a doença causou-lhe surdez.

Guaraci, Anhagá e Anhum nem se mexiam, somente piscavam os olhos, atentos à história de vida da professora. Ela continuou:

– Com isso, minha mãe aprendeu a língua dos sinais (Libras) e depois quando adulta, casou-se com meu pai que também é deficiente auditivo. Minha avó sempre morou conosco, e ela junto com meus pais me ensinaram. Com isso, despertou em mim o desejo

de ajudar as pessoas que assim como meus pais, possuem essa deficiência. Comecei a estudar e me aperfeiçoar. Eu tenho uma irmã e na minha casa todos nós usamos libras para nos comunicarmos com nossos pais.



– Que história linda! Disseram os três ao mesmo tempo.

A prima, professora Íris, que já conhecia a história disse:

– Em nossa família há muitos professores e queremos sempre ajudar o próximo, lecionamos com muito amor e entusiasmo. Sabemos o quanto é importante, numa sociedade, que se saiba ler e escrever. Tenho muito orgulho em trabalhar junto com minha prima que devido aos desafios de sua família, teve a iniciativa de aprender novas línguas.

Encantados com o que ouviram, seguiram viagem para o reino de Urutaí, sempre cheios de perguntas e também trocando ensinamentos.

O Sol já estava se pondo quando a professora Íris pediu para descansar. Montaram um acampamento próximo a uma mangabeira, onde já colheram algumas mangabas para levarem, no dia seguinte, ao seguirem com a viagem. Anhum preparava a refeição junto com Guaraci, enquanto Anhagá e as professoras preparavam os locais para dormirem.

Após o jantar, combinaram de sair antes do Sol raiar para chegarem, o quanto antes, ao destino. Os mensageiros não viam a hora de apresentar as professoras ao rei Gael e à rainha Isabel.

Em plena madrugada, o inesperado aconteceu. Todos acordaram assustados com um rugido forte de uma onça-pintada que rondava o acampamento.



– Meus Deus!!! E agora, o que vamos fazer? Gritou a professora Jeane assustada.

Guaraci muito sábio e experiente na floresta respondeu:

– Calma! Ninguém se mexe! Fiquem quietos que vou tentar espantá-la. Não fiquem de costas para ela,

geralmente a onça-pintada só ataca quando se sente acuada.

Todos tensos naquele momento de medo e incertezas, atendendo às orientações do Guaraci, enquanto este batia palmas encarando a onça-pintada que, com seu olhar penetrante, olhava Guaraci de volta. Diante daquela cena, Anhum pegou a espingarda e apontou-a em direção ao animal.

– Não faça isso, Anhum! Sussurrou Guaraci.

– Ela vai nos matar! - sussurrou Anhum.

– Todos vocês vão em direção aos cavalos e vamos fugir, olhem para a onça-pintada e andem devagar para trás. Devagar! Disse Guaraci.

Obedecendo aos comandos e com muito medo, todos ouviram Guaraci e conseguiram subir nos cavalos e fugir para bem longe da onça-pintada.

Mas, enquanto fugiam, ainda com os corações acelerados, a professora Jeane percebeu que uma de suas capangas com seus materiais tinham ficado no acampamento, inclusive a que estava o seu livro em Braille, o tão precioso para a Cecília.

– Temos que voltar! Temos que voltar! Meus materiais ficaram no acampamento! Gritava a professora Jeane.

Neste momento, enquanto pararam e a professora explicava o que estava acontecendo, caiu uma chuva que a fez ficar ainda mais desesperada com medo de perder de vez o seu precioso material.

Guaraci consentiu que retornassem ao acampamento, mas com a condição de que ele iria à frente para constatar que a onça-pintada não mais estivesse no local. Quando chegaram, perceberam que o animal tinha vasculhado o local e saído com rumo ignorado.

Para felicidade da professora Jeane, seu livro em Braille estava bem guardado dentro da capanga e não molhou, devido estar debaixo de uma lona.

Como a onça-pintada já tinha ido embora, ficaram até o amanhecer no acampamento, esperando a chuva passar e para que pudessem pegar o restante dos pertences que não levaram na fuga.

Aline de Fátima Ferreira Carneiro



12. CHEGADA AO REINO



Assim que amanheceu, levantaram acampamento para poderem seguir o seu caminho, todos estavam ansiosos para chegar ao reino de Urutaí, afinal de contas aquele era o último dia de viagem! Após caminharem boa parte do dia embaixo de um sol ardente do cerrado goiano, não aguentando mais de tanto calor, estavam passando próximo ao rio, no qual Anhagá, Anhum e Guaraci convidaram as professoras para se refrescaram antes de seguirem viagem! Assim fizeram, todos se refrescaram nas águas do rio Corumbá que fica próximo ao reino. Ali os mensageiros dos reis já sabiam que restava pouco tempo para estarem contando a novidade a todos!

À medida que foram se aproximando do Reino, as professoras Íris e Jeane ficaram admiradas e encantadas com a diversidade da flora presente

naquele local, nunca haviam visto tantas árvores de ipês juntas, ipês de todas as cores: roxo, amarelo, branco, verde, rosa... Vários tipos de árvores, como: Baru, Cedro, Copaíba, Jambo, Jatobá, Jenipapo e muitas outras espécies. O olhar das docentes brilhava com tudo que os seus olhos podiam alcançar!



Ao passar pelo reino para então chegar ao rei Gael e à rainha Isabel, todos ali presentes receberam as professoras com olhares carinhosos e saudações

calorosas, pois já acreditavam que elas trariam a solução para o Reino!

Em certo momento, veio uma criança, muito risonha, porém tímida e entregou a elas um presente, em sinal de acolhida. As professoras se sentiram felizes com tamanha recepção!



Logo, à frente, havia um grupo reunido em uma roda de dança, imediatamente, alguém convidou as professoras para dançarem com eles. Elas, sem muito

entenderem o que estava acontecendo, foram seguindo o ritmo e os comandos dos que ali já dançavam!

Após toda essa recepção, finalmente chegaram à residência dos reis e dos príncipes Cecília e Erasto! Jeane e Íris ficaram do lado de fora aguardando para conhecê-los, nesse meio tempo, ao virem os mensageiros, os soberanos não esconderam a sua emoção, pois sabiam que eles lhes traziam a solução para o analfabetismo do seu povo e dos seus filhos! Guaraci contou para as majestades como tudo acontecera durante esses dias que estiveram fora e que somente chegaram ao Reino dos Saberes por meio da ajuda do forasteiro Ramon que encontraram no caminho. Nesse momento, todos já estavam ansiosos para conhecer as novas professoras que revolucionariam o reino com a alfabetização de todos, independentemente de ser criança, jovem, adulto, com deficiência intelectual ou física, todos aprenderiam e estavam bastante curiosos em conhecer a tal língua de gestos e os livros com

pontinhos. Igualmente emocionados estavam os príncipes Cecília e Erasto, pois sabiam que o sonho deles estava bem perto de acontecer!



O rei, mais que depressa, pediu aos seus mensageiros que trouxessem as professoras!

Liara Reis Silva

13. UM NOVO AMANHECER



Diante de tudo que estavam vivendo naquele momento especial, percebia-se que todos estavam maravilhados com aquela situação, pois o que, por muitos anos, era apenas utópico, estava agora se

tornando real.

O rei e a rainha estavam tão empolgados com aquele esperado momento, que prepararam um lugar dedicado, especialmente, para o processo de ensino e aprendizagem de todas as crianças daquele reino incluindo aquelas que são portadoras de necessidades especiais.

A notícia de que as professoras já estavam no reino espalhou-se e todos os súditos que ficaram sabendo, sentiam curiosidade de vê-las de perto.

No dia seguinte, Jeane e Íris acordaram bem cedo, tomaram seu café, pegaram o material que já estava preparado para aquele dia e foram para a escola.

Chegou o grande dia! Na escola, as professoras organizaram a sala, arrumaram as carteiras e foram para a porta recepcionar e acolher os alunos.

O rei Gael e a rainha Isabel também acordaram cedo para levar seus filhos ao primeiro dia de aulas deles. Chegando lá, avistaram as professoras recebendo, carinhosamente, e isso muito os agradou.

O rei e a rainha perceberam que, assim como eles,

seus filhos e todos os outros pais e alunos estavam ansiosos e deslumbrados por aquele momento.

Ao entrarem na sala, os príncipes foram recebidos calorosamente pelas professoras e pelos alunos e um deles logo gritou:

– Sejam bem-vindos!

A professora Íris logo o indagou:

– Josué, que linda atitude receber seus colegas dessa forma. Parabéns! Continue assim.

Josué falou:

– Professora, minha mãe me ensinou que temos que cumprimentar a todos e receber, com muita alegria, quando alguém chega a um lugar em que já estamos.

Logo em seguida, todas as crianças se levantaram, foram até Cecília e Erasto e os abraçaram desejando-lhes boas-vindas naquele ambiente.

Os olhos do rei e da rainha se encheram de lágrimas ao ver o afeto dos alunos com seus filhos que eram portadores de necessidade especiais. Imediatamente agradeceram a todos pela calorosa

recepção e se dispuseram a ajudar as professoras, no que fosse necessário, para contribuírem com o processo de aprendizagem de todos os alunos.



As professoras agradeceram a disponibilidade do rei e da rainha e falaram que toda ajuda e apoio, naquele momento, seriam muito importantes, pois quando todos trabalham juntos para alcançar um determinado objetivo comum, cada um com sua vivência e experiência, com certeza, contribuirá para

que se alcance o tão esperado e desejado objetivo de forma mais eficaz e rápida.

Caroline de Sousa Araújo Cabral



14. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES



Todo o reino de Urutaí estava muito empolgado com a novidade e todos também queriam ser alfabetizados, desejavam aprender a ler e a escrever. O rei então, percebendo toda a população almejar o mesmo sonho, conversou com a rainha e juntos chegaram a uma conclusão: somente as professoras Íris e Jeane não conseguiriam atender toda demanda de aulas necessárias para toda aquela população, que mesmo pequena, precisaria de mais profissionais para ajudá-las.

Foi então que o rei Gael decidiu investir na formação de professores e deu oportunidade para que profissionais capacitados de outros reinos pudessem vir trabalhar ali, já que a notícia de que a população do reino de Urutaí estava em exitoso processo de alfabetização, espalhava-se

rapidamente.

O rei Gael e a rainha Isabel criaram, então, o Instituto do Reino de Urutaí, que tinha tanto ensino de graduação quanto de capacitação, para que de lá pudessem sair novos profissionais e aqueles profissionais já formados, poderiam se qualificar ainda mais.



A princesa Cecília tinha muito amor e dedicação pelos seus estudos, nunca faltou a nenhuma aula,

sempre dedicada e disposta a ajudar os colegas e sua professora. Foi assim que concluiu a etapa de alfabetização, aprendeu da melhor forma possível, porque além de ser dedicada e muito inteligente, a professora Íris teve muita paciência e carinho com a princesa, não porque ela era a princesa do reino, mas sim porque tinha consciência de que a alfabetização faz parte de um processo e via o amor que Cecília sentia pelos livros e vibrava com cada aprendizado.

Partindo do seu apreço e admiração pelo processo de aprendizagem, Cecília queria ser professora. Queria ajudar aqueles que assim como ela, não tiveram acesso à Educação, porque além de ser inteligente e dedicada, Cecília era muito bondosa e solícita, então, atinou que se tornando professora, poderia auxiliar muitas outras pessoas.

Cecília, então, deu continuidade aos seus estudos e depois de um longo processo de estudos árduos, iniciou uma nova etapa de aprendizagem no Instituto de Urutaí, fundado pelos seus pais, o rei Gael e a rainha Isabel, que nem em seus melhores sonhos,

imaginaram que sua filha pudesse iniciar um curso de graduação.



Todos ficaram muito orgulhosos e deram muito apoio à princesa.

Renata de Oliveira Campos



15. NOVOS DESAFIOS



Vários anos se passaram e o método de ensinar do Instituto de Urutaí recebeu o nome das Professoras Jeane e Íris. Tornou-se modelo de ensino para diversos outros lugares, estivessem eles no regime de monarquias, como Urutaí, ou no de democracias, como Saber para Todos, povoado onde os valentes mensageiros encontraram as professoras.

O povo do reino não encontra mais embaraços, não são mais discriminados quando necessitam ir a outros lugares.

Certo dia, o rei Gael convoca à sua presença, para uma reunião extraordinária, suas duas conselheiras: as professoras Jeane e Íris. Essas foram as primeiras mulheres, que se tem conhecimento, a assumirem a função de conselheiras de um monarca.



– Estamos à sua inteira disposição, rei Gael. -
disseram Íris e Jeane ao comparecerem à sala do
trono.

Disse o rei Gael às suas atentas conselheiras:

– Minhas sábias conselheiras, essa noite tive outro
sonho com a mesma indígena a qual sonhei anos
atrás e, que resultou com a vinda de vocês e a total
mudança de meu reino.

Dessa vez, ela apareceu aqui mesmo, na sala do

trono, junto com o pajé Xakriabá, e este me disse que meu trabalho fora feito, e que agora devo me preparar espiritualmente, pois o meu fim já se aproxima.

Com os olhos lacrimejantes, continuou a relatar-lhes o sonho:

– Logo em seguida, minha família e eu estávamos reunidos com o meu povo e com o povo Xakriabá. Em verdadeira comunhão e alegria, dançávamos as suas danças e comíamos as comidas de ambas as culturas.

Bastante emocionado e quase que suplicando a ajuda das conselheiras, o Rei Gael finaliza o relato de seu sonho:

– Preciso da ajuda de vocês para prepararem os meus filhos que, em breve, deverão me suceder no comando do Reino de Urutaí.

A professora Jeane interrompe o monarca:

– Majestade, não acredito em sonhos como forma de mensagem sobrenatural, só acredito pelo que pode ser provado pela ciência, no entanto, respeito e estou a sua inteira disposição.

Imediatamente a professora Íris retrucou:

– Jeane, não é por sermos pessoas voltadas para a área da ciência que precisamos desacreditar do sobrenatural, mas como você disse, respeita quem pensa o contrário e eu respeito você.

Continuou:

– Majestade, seus filhos estão preparados intelectualmente para assumirem a sua posição de monarca, inclusive a princesa Cecília já está à frente do Instituto de Urutaí, desempenhando um excelente trabalho. Já o príncipe Erasto e sua esposa, com o auxílio contínuo da professora Jeane, têm dirigido as ações de inclusão naquele instituto.

Íris parou, titubeou e disse:

– Majestade, mas antes de desenvolvermos um projeto para preparar seus filhos para assumirem a monarquia em seu lugar, aconselho antes que Vossa Majestade procure saber se é da vontade deles assumirem tal função ou instituir a democracia, uma vez que o seu povo já tem condições de participar, ativamente, nas tomadas de decisões políticas deste

reino.

Jeane com um olhar atônito, não escondeu que não esperava uma postura tão arrojada de Íris, mas disse:



– Íris tem razão, majestade. Várias pessoas têm vindo ao Reino de Urutai em busca de pessoas qualificadas em diversas áreas do conhecimento, formadas no Instituto educacional criado em seu reinado.

Em pouco mais de vinte anos, o analfabetismo foi extinto em seu reino, as pessoas agora têm total condições de exercerem a cidadania, fazendo escolhas acertadas.

O rei Gael, pela primeira vez, desde que nomeou as professoras Jeane e Íris como suas conselheiras, não acatou, de pronto, seus últimos conselhos. Limitando-se a dizer:

– Difícil decisão!

Rafael Paranhos Garcia



16. A LONGA NOITE E O DESPERTAR DE UM NOVO TEMPO



Aquela noite foi um divisor de águas para o reino de Urutaí. O rei não conseguia parar de pensar naquelas palavras: democracia, cidadania, participação ativa nas decisões. Tais palavras tão cheias de significados ficaram reverberando na mente do rei e ele sentiu-se desafiado a deixar tamanho legado para o povo de Urutaí.

Assim, o rei decidiu fazer algo que mudaria o curso da história de seu reino e aconteceu que a transição para a democracia, no reino de Urutaí, foi um exemplo de como o compromisso em fazer o melhor para o povo pode levar a transformações políticas significativas na construção de uma democracia.

Com a ajuda de suas conselheiras mais próximas, Jeane e Íris, o apoio de sua esposa, a rainha Isabel, de seus filhos Cecília e Erasto, bem como tantas

outras pessoas que agora tinham condições de participar ativamente das decisões, o rei criou um plano para abdicar-se do trono em favor da democracia. Ele entendeu que o poder não deveria ser centralizado em uma única pessoa, mas sim distribuído de maneira justa entre todos os cidadãos do reino.



Então, o rei convocou uma reunião com líderes da comunidade, que agora sabiam exercer sua cidadania

participativa. Ele anunciou sua intenção de abdicar-se do trono e transferir o poder para uma assembleia representativa, escolhida pelo povo através do voto direto. Também concordaram em trabalhar juntos para criar uma constituição e estabelecer uma nova ordem política.

O povo estava emocionado com a ideia de poder escolher seus próprios líderes e ter uma voz na governança do reino. A transição para a democracia foi pacífica e, com o tempo, o reino se tornou uma das democracias mais prósperas e estáveis do mundo.

O rei Gael foi lembrado como um líder visionário que colocou os interesses de seu povo acima dos seus próprios. Ele passou o resto de seus dias dedicando-se à filantropia e ajudando a construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos. Sua abdição foi um marco na história do reino, e seu legado continuou a inspirar as gerações futuras.

E essa história nos revela que a educação é um dos fatores mais importantes na transformação de um povo e pode ter um impacto significativo no

desenvolvimento social, econômico e político de uma sociedade.

Através da educação, as pessoas podem adquirir conhecimentos, habilidades e valores que lhes permitem melhorar suas vidas e contribuir para o desenvolvimento de suas comunidades.

A educação pode ajudar a transformar um povo de várias maneiras. Primeiro, ela pode fornecer às pessoas as habilidades e o conhecimento necessários para participar plenamente da vida econômica e social do país.

Além disso, a educação pode ajudar as pessoas a desenvolver habilidades sociais e emocionais, como a capacidade de trabalhar em equipe, resolver conflitos e tomar decisões informadas. Essas habilidades são essenciais para a construção de comunidades fortes e coesas.

A educação também pode ajudar as pessoas a desenvolver valores e atitudes positivas em relação à democracia, ao respeito pelos direitos humanos e à justiça social. Através da educação, as pessoas

podem aprender sobre seus direitos e responsabilidades como cidadãos, bem como a importância de uma sociedade civil ativa e engajada.



Finalmente, a educação pode ajudar a combater a pobreza e a desigualdade. A educação pode fornecer às pessoas as habilidades e o conhecimento necessários para sair da pobreza, bem como ajudar a reduzir a desigualdade educacional que muitas vezes perpetua a desigualdade econômica e social.

E foi assim que a educação desempenhou um papel fundamental na transformação do antigo reino de Urutaí para a República Democrática de Urutaí, capacitando as pessoas com as habilidades, o conhecimento e os valores necessários para participarem plenamente da vida econômica, social e política de sua comunidade, garantindo a todos os direitos fundamentais estabelecidos na Constituição que eles mesmos instituíram.



Todos, sem exclusão, tiveram a oportunidade de participar, porque foram além, saíram do paradigma da igualdade para o paradigma da diversidade.

Áustria Régia Rezende dos Santos Costa

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Comentário 1

Leitura com uma leveza singular, as palavras fluem com naturalidade, várias mãos e um único espírito nos conduzem aos nossos Reinos pessoais. Eu me encanto com o sistema Educacional Diferenciado, no qual cada um tem a sua necessidade atendida. Embora devamos levar em conta que se trata de um conto, o que nos leva a busca por trazer isso para a realidade política educacional e social. Sei que este objetivo pode ser alcançado em todos os Reinos em que o Monarca esteja disposto a abdicar a favor de uma democracia justa.

Após cursar o magistério fiz uma especialização em DA (Deficiente Auditivo na escola), pois, nada mais motivador do que a necessidade, uma vez que fui diagnosticada somente aos dezesseis anos como 100% surda do ouvido do esquerdo e sofri com a falta de preparo dos professores que muitas vezes ignoram o aluno ou o rotula como desatento. Assim, pude

ajudar alguns colegas a desenvolver projetos para identificar as deficiências e necessidades especiais na sala de aula, inclusive com o uso de Libras (Língua Brasileira de Sinais), isso ajudou e continua ajudando muitas crianças, jovens e adultos a se integrarem na sociedade atuando bravamente por uma educação digna e respeitosa.

Fátima dos Santos Gerolin

Magistério e especialização em Deficiência Auditiva - DA (Centrinho da USP Bauru-SP). Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela UNAERP. Psicanalista pelo Instituto Humanoterapia de São Paulo.

Comentário 2

Esperar um simples texto dos ilustres autores Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita é tarefa impossível. Nesta obra, a qual tive a imensa satisfação de lê-la antes de sua publicação oficial, são abordadas categorias extremamente pertinentes no cenário educacional brasileiro que nos ajudam a entender o complexo da educação em sua totalidade, como por exemplo, a inclusão, democracia, analfabetismo, diversidade, diálogo, emancipação.

Destaco a importância de um trabalho coletivo e colaborativo, como os autores destacam "feito a mãos", como possibilidade de lograr um outro caminho para o atual estado da produção do conhecimento, como também para tecer valiosas reflexões sobre as avaliações burocráticas/institucionais, as quais mais excluem do que de fato "avaliam".

Ademais, desenvolver uma produção como esta, é de um valor imensurável. Os alunos passam de sujeitos passivos e, em uma relação dialógica,

transformam-se em verdadeiros autores e protagonistas dos processos de aprendizagem.

Para nosso deleite, gostaria de terminar este comentário relembando as seguintes passagens:

"Um povo sem estudo torna-se um povo fraco, um povo fraco enfraquece seu reino.", p. 28.

"De que adianta uma biblioteca repleta de livros com os mais renomados autores como a que temos, se não há quem possa lê-los?" p. 32.

"Usar o ensino como instrumento de mudança", p. 54.

"A educação pode ajudar a combater a pobreza e a desigualdade", p. 108.

Agora, indago-lhes: Alguma semelhança com o Reino chamado Brasil? Em caso de sim, a leitura deste livro é indispensável!

Boa leitura!

Pedro Henrique Silvestre Nogueira

Doutorando em Antropologia pela Universidade de Salamanca (USAL). Mestre em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Comentário 3

Um caderno para as ideias na educação do reino encantado de Urutaí, de Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita é uma obra humanizadora, cheia de esperança e proposições.

Ressalto a importância do olhar atento imbuído na narrativa, sobre as problemáticas sociais e culturais, assim como também sobre a relevância de se trazer à tona as questões de inclusão e diversidade.

A narrativa é envolvente no seu sequenciamento e detalhamento e nos presenteia também com lições do fazer pedagógico e atos de colaboração:

“[...] pois quando todos trabalham juntos para alcançar um determinado objetivo, cada um com sua vivência e experiência, com certeza alcançará o tão esperado e desejado objetivo de forma mais eficaz” p. 92.

O último capítulo traz em sua contextualização, as inúmeras possibilidades de emancipação pela Educação e reforça a importância do reconhecimento da diversidade.

Afirmo que fiquei literalmente encantada com essa leitura e se eu pudesse, gostaria de recomendá-la

para cada Educador(a) deste mundo.

Lídia Maria dos Santos Moraes

Mestre em Letras e Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Goiás, é servidora do IF Goiano, membro da equipe da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e Assessora Editorial da Editora IF Goiano.

Comentário 4

La investigación en Educación comienza por la producción científica de aspectos reales adaptados a la etapa psicoevolutiva del alumnado al que nos dirigimos. En este sentido, el cuento, es uno de los mejores recursos para penetrar en el conocimiento y, a su vez, fomentar el interés de los más pequeños. Sin duda, el libro realizado por el alumnado del máster en Educación: “*Um Caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutai*”, forma parte de una magnífica estrategia docente. Por este motivo, recomiendo encarecidamente su lectura y felicito al alumnado y, muy especialmente al Dr. Daniel Valerio, por su constante y continuo trabajo en mejorar la educación de todos aquellos lugares en los que ha ejercido la docencia.

Jesús M. Aparicio Gervás

Dep. de Didáctica de las Ciencias Experimentales, Sociales y de la Matemática. Facultad de Educación y Trabajo Social de la Universidad de Valladolid (España). Secretario Académico del GIR de Psicología de la Educación de la Uva.

Comentário 5

Había una vez...

Unos caminantes que buscaban un reino de la felicidad, en el cual....

Nada es más provechoso para el trabajo que lo realizado por muchas manos, el trabajo colectivo. Encuentra sus senderos más provechosos en las labores de grupos, para conversar con los y las grandes maestras de la literatura universal.

Iban hacia la idea de un mundo social en el que la escuela era, entonces, el reino en donde puede imperar la justicia, con la alfabetización para todos y todas.

En ella, aparecen los libros mágicos, contenedores de sabiduría y paz. Los alfabetizadores y alfabetizadoras, los mensajeros de la paz, soñaban con bibliotecas repletas de libros.

Bautizaron a esa tierra como el reino de la inclusión, con el saber compartido para todos. En este territorio, todos leían, escribían y eran felices. No importaba cuán diferentes eran. Había mucha magia,

que era la capacidad de elegir entre todos, de acuerdo con las capacidades de cada persona. Aquellos que viven en estos poblados encuentran esa magia de ser colegas de trabajo, todos compañeros: profesores, campesinos, señoras.

Todos y todas decían y hacían para Educar, que nos permite vivir mejor.

Alfredo Rajo Serventich

Professor da Universidad Intercultural Indígena de Michoacán – UIIM. Doutor em Estudos Latino-americanos pela Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM.

Comentário 6

O Reino Encantado de Urutaí reflete a realidade que nos deparamos diariamente na escola. Neste conto é possível entender, de maneira simples, que educação não se faz somente com desejos e sonhos, nem mesmo com Leis e Decretos. Para termos acesso a uma educação de qualidade, precisamos de ação, de estudos, de qualificação de professores, que estes estejam preparados e especializados nas mais distintas áreas do saber. É necessário um grande aporte de investimento capital e humano para construir escolas adequadas para atenderem as diversas demandas dos saberes e em todas as suas faixas etárias e classes sociais. Um caderno para as ideias na educação do reino encantado de Urutaí mostra a realidade da escassez na qualificação docente que assombra a educação, comprometendo dessa forma todo o futuro de uma geração.

Cyntia Kelly de Sousa Lopes

Diretora da EEMTI Walter de Sá Cavalcante –
SEDUC CE.

Comentário 7

Uma fábula apaixonante, de leitura compreensível e inspiradora. Sabemos que a educação é um direito, garante que todos possam aprender a ler, escrever e, nesse processo de aprendizagem, sejam formados cidadãos críticos e empáticos, levando em conta as diversidades e singularidades de cada pessoa.

Salas de aulas devem estar adaptadas à realidade humana, propiciando uma educação igualitária e de qualidade para todos, aceitando as diferenças individuais como nuances da particularidade de cada “Reino” que habita em nós, onde a diversidade é valorizada para o enriquecimento das pessoas e não como um obstáculo na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Vê-se claramente, apesar de cada personagem possuir características e dificuldades bem distintas e marcantes, que a inclusão vai além de livros e metodologias de aprendizagem. Todos nós, pelos laços da caridade, dedicação e comprometimento com as gerações futuras, podemos ser partícipes

dessa construção de um mundo melhor e mais acessível, pois a verdadeira inclusão começa no coração.

Ana Rita Braúna Alencar

Mestre em Antropologia pela Universidad de Salamanca – ES e professora do Centro Universitário Ateneu (UniAteneu).

Comentário 8

Um caderno para as ideias na educação do reino encantado de Urutaí apresenta entre suas missões a de usar o lúdico para suavizar as tristes realidades da vida real, onde existem governantes que não se preocupam com seu povo, a ignorância, a falta de professores especializados, os preconceitos, as discriminações, entre outros.

Existe um ditado que diz que as atitudes começam a mudar quando o inesperado bate à nossa porta. Infelizmente isso, tanto em contos como na realidade se apresenta, pois a sensibilidade ao problema alheio, a alteridade e a empatia estão a cada dia mais escassos. É preciso trabalhar a humanização da humanidade como bem explica Edgar Morin. E isso o conto traz com maestria.

A educação, segundo o Art. 205 da Constituição Federal de 1988, é o direito de todos e dever do Estado e da família, mas a transformação só é possível com uma educação conscientizadora. Precisamos lembrar que “a educação não transforma

o mundo, transforma as pessoas e as pessoas que transformam o mundo” como bem nos ensinou e ensina Paulo Freire.

Que a leitura de Um caderno para as ideias na educação do reino encantado de Urutaí traga sua contribuição na transformação das mentes daqueles que tenham a oportunidade de desfrutar de sua leitura.

Ed Carlos de Sousa Lima

Mestre em Antropologia pela Universidad de Salamanca – ES e Doutorando no Programa de Ciências Sociais pela Universidad de Salamanca – ES.

POSFÁCIO

Difícil é a missão de escrever um posfácio de uma obra muito bem-acabada. No entanto, assim como nos contos que conduzem o leitor, aqui também há espaço para a metáfora e para a imaginação.

No nosso Reino Encantado de Urutai a Educação foi capaz de transformar a realidade e isso, no mundo real, também é uma verdade. Mas, então, qual o sentido de nos socorrermos da metáfora? Infelizmente, a realidade não é tão bonita.

A Educação é uma arma tão poderosa, tão capaz de transformar a realidade, que constantemente é negligenciada, ou deixada para depois. É pressuposto da democracia e da cidadania que todos entendam seu papel social, renunciem a algumas coisas em favor da coletividade e questionem tudo sempre e repetidamente.

É por isso que a história emociona e cativa, ela é o simbolismo da democracia e da cidadania. Um texto construído por partes, no qual cada um direciona um pouco a história, mas a conecta com o fio principal.

Ninguém exerce somente o próprio egoísmo. Todos escrevem a partir do anterior e para o próximo.

Além disso, o texto demonstra um pilar básico do exercício da cidadania, a capacidade de entendimento e a expressão através da palavra (nas suas mais diversas formas). Para ser cidadão é necessário compreender e transmitir ideias assim como foi realizado no conto do outrora Reino de Urutaí.

Que sigamos assim, que a República possa ser tão encantada quanto o Reino e que prospere Urutaí!

Antonio Augusto Bonatto Barcellos
Doutor em Ciências Sociais pela Universidad
de Salamanca – ES
Membro do Instituto Histórico e Geográfico de
Santa Catarina e do Instituto de
Investigaciones Antropológicas de Castilla y
León – ES

SOBRE OS AUTORES

Angela Rosa Resende da Silva - Pedagoga/Pós-graduada em Psicopedagogia; aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEB.

Adriele Aparecida Pinto de Mello Santos - Licenciatura em Pedagogia; aluna especial da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do PPGENEB.

Aline de Fátima Ferreira Carneiro - Licenciada em Normal Superior; Educação Infantil; Pedagogia; Pós-graduada em Neuropedagogia e Psicanálise; aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEB.

Áustria Régia Rezende dos Santos Costa - Bacharel em Direito; Complementação Pedagógica para Graduados não Licenciados; aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEB.

Caroline de Sousa Araújo Cabral - Licenciada em Pedagogia, em Ciências Biológicas e Bacharel em administração; Pós-graduada em Psicopedagogia e Gestão Escolar e em Meio Ambiente no Ensino de Ciências; aluna especial da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEB.

Clêda Luiza de Oliveira - Licenciatura em Letras (Português/Inglês). Aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do PPGENEB.

Cléia Cristina de Oliveira Gomes - Licenciatura em Letras (Português/Inglês). Aluna Especial da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do PPGENEB.

Élida Tavares da Silva Escorcio - Pedagoga; Pós-graduada em Gestão Escolar e Planejamento Educacional; aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEB.

João Paulo Henrique Pereira de Oliveira - Estudante do Mestrado Profissional em Ensino para a Educação Básica do IF Goiano, Campus Urutaí. Aluno da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEB.

Liara Reis Silva - Licenciada em Normal Superior; Educação Infantil; Pedagogia; Pós-graduada em Neuropedagogia e Psicanálise; aluna especial da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEB.

Lucineide Alves de Jesus - Pedagoga; Pós-graduada em Psicopedagogia e Educação Especial pelo Instituto de Educação Século XXI; Pós-graduada em Docência do Ensino Superior e Pós-graduada em Formação de Professores e Práticas Educativas pelo Instituto Federal Goiano Câmpus Avançado Ipameri-

Go. Aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEb.

Magna Nascimento Mizurini da Costa - Licenciada em Pedagogia, aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania - PPGENEb.

Rafael Paranhos Garcia - Bacharel em Direito; aluno da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do PPGENEb.

Rafaela Santos de Andrade - Bacharela em Nutrição; aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do PPGENEb.

Renata de Oliveira Campos - Licenciada em Pedagogia e em Letras (Português e Inglês). Aluna especial da disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do PPGENEb do Instituto Federal Goiano.

Simone Aparecida Fonseca Alves - Letras (Português/Inglês). Aluna da Disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do PPGENEb.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Daniel Valério Martins

Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán, Doutor em Educação pela Universidade de Burgos, Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca. Professor no mestrado de Antropología de Iberoamérica – MAI da Universidad de Salamanca – USAL, professor no Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade – PPGET da Faculdade Intercultural Indígena – FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e professor visitante no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica – PPGENEb do Instituto Federal Goiano – IF Goiano.

E-mail para contato: jjfadelino@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

Ruan Rocha Mesquita

Graduando em Sistemas e Mídias Digitais pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Membro do NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IF Goiano; Membro do Grupo Salamanca de Investigación en Antropología Indigenista y Educación Intercultural – GSIAIEI e Organizador das três edições do CIELCULTT – Congresso Internacional sobre Educação, Língua,

Cultura e Territórios, desenvolvidos durante o mês de abril dos anos de 2021, 2022 e 2023 na Universidade Federal da Grande Dourados e Instituto Federal Goiano.

E-mail para contato: rocharuan@live.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7753165415346540>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0766-2133>



Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo

Quando a
educação
não é
libertadora,

o sonho do
oprimido é ser
o opressor.

Paulo Freire

ISBN 978-85-87627-23-9



9 788587 627239